

**CONTRIBUIÇÃO DO CARISMA DA UNIDADE PARA UMA ESPIRITUALIDADE SINODAL**

Margaret Karram, presidente do Movimento dos Focolares

Roma, 1º de julho de 2021

Cumprimento Vossa Eminência, o Cardeal Mario Grech, a Irmã Nathalie Becquart, o Padre James Hanvey e agradeço sinceramente o convite para discursar neste seminário.

Depois de ouvir aqueles que me precederam com a riqueza de suas tradições, nós do Movimento dos Focolares estamos conscientes de que temos muito a aprender. A nossa tradição de caminho sinodal e discernimento comunitário é, sem dúvida, jovem e ainda deve se consolidar.

Para começar, apresentarei algumas breves características da «Espiritualidade da unidade» nascida do carisma doado por Deus a Chiara Lubich.

**1. *Algumas características da espiritualidade da unidade.***

Desde o início, o caminho do Movimento teve um desenvolvimento que hoje poderíamos dizer “sinodal”, porque a redescoberta de Deus Amor – a “centelha inspiradora” como a chamou João Paulo II – abriu **um caminho em conjunto para Deus**. Os dois principais polos da espiritualidade que acompanharam este desenvolvimento são: a unidade e Jesus Abandonado.

**A unidade.** Estamos por volta de 1946: Chiara Lubich e suas companheiras, já dedicadas à vivência do Evangelho, leem juntas o Testamento de Jesus. Essas palavras difíceis se iluminam uma a uma: «Que sejam um como nós», v.11b; «Que todos sejam um», v. 21. É a descoberta do projeto de Deus para a humanidade. E este desejo de Jesus se traduz num compromisso firme: «Nascemos para esta página». Disto decorre uma responsabilidade antes de tudo pessoal, a de viver a Palavra

cotidianamente para se conformar em ser «outro Jesus. [...] Fazer “o papel de Jesus aqui na terra”»<sup>1</sup>.

Não é apenas um compromisso pessoal, mas também coletivo, que recorda o mandamento novo de amar-nos como ele nos amou (cf. *Jo* 15,12).

Isso desencadeia uma decisão comum, selada por um pacto de amor mútuo, consciente e solene, a ser renovado com frequência e confiança, especialmente diante de qualquer falta de caridade.

**O outro “polo” é a descoberta de Jesus Abandonado.** Antes mesmo de fixar o olhar no trecho de João 17, Chiara com suas companheiras “descobriu” o grito de abandono de Jesus na cruz. Elas o entendem como a experiência da sua maior dor: experimentar o abandono, Ele que disse: “Eu e o Pai somos um” (*Jo* 10,29-30). Um ápice de dor no qual se revela o máximo do seu amor, que traz a redenção, reunindo a humanidade dilacerada e dispersa com Deus. Portanto, é a chave da unidade com Deus, e a chave da unidade dos homens entre si.

Em um texto conhecido Chiara afirma: «Tenho um só Esposo na terra: Jesus Abandonado. Não tenho outro Deus além Dele. Nele está todo o paraíso com a Trindade e toda a terra com a humanidade. Por isso tudo o que é *seu* é meu e nada mais. [...] Irei pelo mundo à sua procura em cada instante da minha vida...»<sup>2</sup>.

Foi assim para ela e para quem segue o caminho da Unidade, que leva, como os discípulos de Emaús, a caminhar com o Ressuscitado.

“Jesus Abandonado” e “a Unidade” são os dois lados de uma única medalha<sup>3</sup>, e quem quiser viver na unidade e pela unidade «só resisti apoiando-se numa Dor-Amor tão forte como aquela de Jesus Crucificado e Abandonado!»<sup>4</sup>. Vivendo assim, entramos no caminho pascal, do abandono à luz da unidade, imprescindível em qualquer percurso sinodal.

---

1 Escrito de 2 de dezembro de 1946: C. Lubich, *L'unità* in «Nuova Umanità» 29 (2007/6) 174, p. 605.

2 C. Lubich, *Ideal e Luz*, Cidade Nova, São Paulo, 2003, p. 103-104.

3 Em 1948 Chiara escreve a um religioso: «O livro de luz, que o Senhor está escrevendo na minha alma, tem dois aspectos: uma página resplandecente de misterioso amor: Unidade. E uma página luminosa de misteriosa dor: Jesus Abandonado. São dois lados de uma única medalha. *A todas as almas mostro a página da Unidade. Para mim e para as almas que estão comigo, na linha de frente da Unidade: o único tudo é Jesus Abandonado. Escolhemos escalar essa montanha até o extremo abandono*» in C. Lubich, *Lettere dei primi tempi, alle origini di una nuova spiritualità*, a cura di F. Gillet e G. D'Alessandro, Città Nuova, Roma 2010, p. 149.

4 *Ibidem*, *Lettere dei primi tempi*, cit. p. 158.

## **2. *Uma experiência paradigmática de sinodalidade***

Uma experiência basilar do Movimento, que poderíamos definir como paradigmática de um processo sinodal, é o caminho de aprovação do Movimento pela autoridade eclesial. Este caminho durou cerca de 17 anos se considerarmos o primeiro estatuto aprovado pela autoridade diocesana como o início e a aprovação plena e definitiva dada por Paulo VI como conclusão. Depois disso, abriu-se outra fase cheia de bênçãos, na qual não podemos nos deter agora.

Naqueles 17 anos, a fé de Chiara no amor de Deus e na maternidade da Igreja foi inabalável e nunca esmoreceu, mesmo quando em 1952 foi aconselhada a renunciar à direção do Movimento, ou quando nos anos seguintes se esperava que fosse extinto (1960).

Foi uma escola de humildade. E Chiara pôde viver esta profunda purificação mantendo o olhar fixo Naquele que escolheu, Jesus crucificado e abandonado, tendo como único apoio o amor por ele.

Com este espírito, ela se coloca a serviço da Igreja que, embora incerta em relação à Obra, requer serviços de apostolado na Itália e nos países da então Cortina de Ferro<sup>5</sup>.

Desta forma, adquire-se a certeza de que a Obra que nasce não é de origem humana, mas vem de Deus, como os frutos confirmam. É certo que existe um desígnio de Deus, que Deus quer a unidade, quer o “que todos sejam um”. E foi assim até o pleno reconhecimento da presença de um carisma.

Fé no amor de Deus, na maternidade da Igreja, obediência, humildade, serviço, gratidão também por termos sido purificados: são virtudes que não podem ser esquecidas, como parte do nosso DNA, necessárias ainda hoje em todo processo de sinodalidade.

## **3. *A experiência do Movimento dos Focolares hoje***

Como esse processo acontece hoje no Movimento? Os nossos Estatutos indicam para nós uma bússola, na sua premissa encontramos:

---

<sup>5</sup> Significa “a cortina de ferro”, termo usado no Ocidente para designar a linha de confinamento que dividiu a Europa em duas (1961-1989). “Além da cortina” indica os países do bloco comunista. (n.t. d.)

«A mútua e contínua caridade, que torna possível a unidade e atrai a presença de Jesus na coletividade, é, para as pessoas que fazem parte da Obra de Maria, a base de suas vidas em todos os seus aspectos: é a norma das normas, a premissa de todas as demais regras».

A mútua e contínua caridade para alcançar o consenso, deve ser, portanto, o estilo da nossa sinodalidade. O Papa Francisco nos exortou a fazer isso quando, acolhendo no Vaticano no dia 6 de fevereiro passado os participantes da Assembleia geral da Obra de Maria, entre outras coisas, disse:

«Quanto ao compromisso *dentro do Movimento*, exorto vocês a promoverem cada vez mais a sinodalidade, para que todos os membros, enquanto depositários do mesmo carisma, sejam corresponsáveis e participem na vida da Obra de Maria e de seus objetivos específicos». É o que estamos tentando fazer com particular atenção neste momento, no período após a morte da fundadora.

Uma característica inerente à própria natureza do “Movimento”, aberto a todos, homens e mulheres de todas as idades, é a relação homem-mulher. O governo da Obra em todos os níveis, porque se baseia na presença de Jesus no meio, é confiado a um homem e a uma mulher, como corresponsáveis. No caso da Presidente, que pelo Estatuto será sempre uma mulher, ela é coadjuvada na sua função de garante da unidade da Obra por um copresidente. Esta é também uma escola permanente de sinodalidade que dá frutos.

Descreverei agora resumidamente os pontos de referência importantes para a implementação de um processo sinodal, consciente de que eles continuam sendo um desafio, uma meta a ser almejada, e quando não são bem-sucedidos porque erramos, nos levam a pedir desculpas sinceramente para recomeçar.

O **Pacto de amor recíproco**, renovado e colocado na base de todo processo de discernimento, significa o compromisso de estar dispostos a nos amarmos *como* Jesus nos amou. Ele nos abre para a benevolência, para valorizar o positivo do outro, para uma cultura de confiança e um espírito de família.

A mútua e contínua caridade exige a aprendizagem da Arte evangélica de amar: **Ouvir**, colocar-se “na atitude de aprender”, porque é preciso aprender realmente – afirma Chiara – se se acredita que o outro foi criado como um dom para mim, como eu para ele/ela.

**Amar a todos. Amar primeiro. Amar como a si mesmo.**

**Fazer-se um com o outro**, que, referindo-se a São Paulo (cf. 1 Cor 9, 22) é uma atitude cheia de sentido e concretude porque implica dar espaço ao outro, compreender o seu ponto de vista e a sua realidade cultural. Isso cria uma aproximação nas relações que facilita o discernimento comunitário.

**Falar com respeito, mas também com sinceridade e clareza.** Tudo pode ser compartilhado com *parresia*, colocando-se diante de Deus e mantendo viva a realidade do mandamento novo.

#### 4. Dois exemplos

Eu gostaria de compartilhar duas experiências como exemplo. A primeira é a da **“Santa Viagem”**.

Chiara nos fez compreender que somos chamados a um “caminho conjunto” quando, em 1980, envolveu os jovens e depois todo o Movimento, a revigorar a escolha de Deus e iniciar a “Santa Viagem” (cf. SI 84.6). Foi um chamado a viver pela santidade uns dos outros. O resultado foi uma marcha incrível, de adultos e crianças, com o compromisso de viver a vida por amor, que a própria Chiara alimentou com um acompanhamento mensal. Daí as famosas conexões telefônicas – que precedem o atual advento do zoom – que conectavam todas as pessoas do Movimento, nas quais experiências compartilhadas e propósitos comuns levaram a experiências significativas e guiaram a “Santa Viagem” de muitos até o fim da vida.

Este “caminho conjunto” (= “sínodo”) voltado para a fraternidade e para o “Que todos sejam um” traz a presença de Jesus, prometida aos que se reúnem «em seu nome» (Mt 18,20). Jesus se torna um caminheiro entre nós.<sup>6</sup>

#### A Assembleia Geral de 2021

Outra forte experiência de sinodalidade da qual posso dar testemunho é a que aconteceu na última **Assembleia Geral de 2021**. A Assembleia foi preparada durante mais de um ano com uma consulta em nível local que envolveu jovens e adultos dos 5 continentes, não apenas membros, mas também aderentes, incluindo pessoas de várias Igrejas e tradições religiosas, que se expressaram

---

<sup>6</sup> Cf. AA. VV., *Il Patto del '49 nell'esperienza di Chiara Lubich. Percorsi interdisciplinari*, Città Nuova, Roma 2012, pp. 23-25, 45. Cf. *L'unità. Uno sguardo dal Paradiso '49*, a cura di S. Tobler e J. Povilus, Città Nuova, Roma 2021.

individualmente e de modo frequente como comunidade. O trabalho começou com base na cultura de confiança – tão atuada nos seis anos anteriores.

Esta ampla partilha produziu uma grande riqueza de reflexões e propostas, a ponto de convergir para aquela visão e orientações que amadureceram no confronto direto e foram sintetizadas no documento final.

Olhando para trás, para este período, sinto que funcionou a graça do *sensus fidei* do povo, a graça da Assembleia que é considerada nos nossos Estatutos como órgão supremo de governo. Tudo isso certamente alicerçado no pacto do amor recíproco e na abertura à conversão contínua.

A condição do sucesso foi a tenacidade de não desistir de nos escutarmos com amor até o ponto de experimentar o fruto, a inspiração para a qual convergir com a alegria, como sinal da presença do Ressuscitado.

Vejo agora que este processo continua à luz das palavras do Papa e do documento final da Assembleia e a busca de formas de aplicação, escutando o grito de sofrimento da humanidade e favorecendo um forte espírito de família, está dando frutos nas várias áreas geográficas.

### **O espírito de família**

Isso expressa o cerne da nossa espiritualidade: oferecer ao mundo um modelo de vida no estilo de uma família; isto é, de irmãos e irmãs em um nível universal. Para garantir que este espírito de família esteja vivo nos Centros, nas Mariápolis permanentes e por toda parte!

Para mim, é particularmente importante fazer uma experiência de “sinodalidade” **no governo do Movimento**, o que significa fazer tudo com espírito de escuta e de retomar nas relações interpessoais aquele amor fraterno, de verdade e de caridade, que ilumina o lugar que cada um merece, ou seja, o central.

Como Conselho Geral, por exemplo, acabamos de vivenciar a maravilhosa experiência de ouvir os responsáveis de territórios do mundo inteiro. São eles que estão com “a mão na massa”, que conhecem as potencialidades, as necessidades e as características culturais e antropológicas das nossas comunidades. Ouvindo-os, emergiu toda a vivacidade e criatividade do “povo de Chiara”, que quer cuidar das diferentes formas de falta de unidade e curar as feridas da humanidade que os rodeia. Talvez nem seja necessário que o Centro Internacional dê sempre diretrizes ou oriente o caminho do Movimento. O importante é que o Centro garanta sempre a unidade de toda a Obra e que possa evidenciar o que o Espírito Santo vai gradualmente nos mostrando para todos.

## Conclusão

Ressoam com insistência nos nossos corações, como um estímulo mais iluminador do que nunca, as seguintes palavras de Chiara do Natal de 1973:

*«Se tivesse que deixar esta Terra hoje, e me fosse solicitada uma palavra, como última palavra que afirma o nosso Ideal, diria a vocês — certa de ser compreendida no sentido mais exato —: “Sejam uma família”. [...]*

*Não antepõem jamais ao espírito de família com os irmãos com quem vivem qualquer atividade de qualquer gênero, nem espiritual, nem apostólica.*

*E aonde quer que forem para levar o ideal de Cristo, para expandir a imensa família da Obra de Maria, não farão coisa melhor do que procurar criar com discrição, com prudência, mas com determinação, o espírito de família. É um espírito humilde, quer o bem dos outros, não se envaidece..., é, enfim, a caridade verdadeira, completa.*

*Em resumo, se eu tivesse que partir de vocês, deixaria na prática que Jesus em mim repetisse: “Amai-vos reciprocamente... a fim de que todos sejam um”»<sup>7</sup>.*

Esperamos que, com a poderosa ajuda do Papa Francisco, vivendo intensamente o carisma, aprendendo aqui uns dos outros, também nós, como os Apóstolos, possamos dizer «O Espírito Santo e nós decidimos...» (cf. At 15,28).

---

7 Ideal e Luz, cit. p. 58-59.